

Pedrinho não tem história? A evolução do personagem Pedrinho a partir das fontes primárias

Pedrinho has no role? The evolution of the character Pedrinho in the perspective of primary sources

Ana Paula Negrão Ferreira*
Phablo Roberto Marchis Fachin**

RESUMO

Este artigo analisa a evolução da caracterização do personagem Pedrinho da série de livros infantis de Monteiro Lobato pelo viés filológico, a partir do resgate e do estudo de suas fontes primárias. O garoto surgiu em *Narizinho Arrebitado* (1921) e foi incorporado como um dos agentes centrais da trama. Na versão inicial, Pedrinho era órfão, criado por Dona Benta, caracterizado como “Pichochó”. Em 1931, em *As Reinações de Narizinho*, tornou-se o primo da cidade e neto consanguíneo da avó. Por meio do cotejo entre as edições da obra, constatou-se que algumas características da versão inicial foram mantidas, como a inteligência e destreza do personagem, mas outras foram alteradas. Assim, considerando a prática lobatiana de alterar sucessivamente suas obras, analisa-se a tradição textual que abrange Pedrinho, reforçando a importância do estudo de sua trajetória de publicação, circulação e transmissão para a compreensão e estudo da obra infantil de Lobato em perspectiva histórica.

Palavras-chave: Pedrinho; Fontes primárias; Filologia; Monteiro Lobato; Narizinho Arrebitado

Recebido em 12 de março de 2025.

Aceito em 14 de maio de 2025.

DOL: <https://doi.org/10.18364/rc.2026n70.1463>

* Universidade de São Paulo, ana.negrao.ferreira@usp.br
<https://orcid.org/0009-0008-9731-3025>

** Universidade de São Paulo, phablo@usp.br
<https://orcid.org/0000-0002-2283-3906>

ABSTRACT

This article analyses the evolution of the characterisation of the character Pedrinho in Monteiro Lobato's children's literature series from a philological approach, based on the recovery and study of primary sources. The character appeared in *Narizinho Arrebitado* (1921) and was incorporated as one of the central agents of the plot. In the initial version, Pedrinho was an orphan, raised by Dona Benta and characterised as 'Pichochó'. In 1931, in *As Reinações de Narizinho*, he became the city cousin and consanguineous grandson of his grandmother. By comparing the editions of the work, it was found that some characteristics of the initial version were preserved, such as the character's intelligence and dexterity, but others were altered. Thus, considering Lobato's practice of successively altering his works, the textual tradition that encompasses Pedrinho is analysed, reinforcing the importance of studying its trajectory of publication, circulation and transmission in order to understand and study Lobato's children's work from a historical perspective.

Keywords: Pedrinho; Primary sources; Philology; Monteiro Lobato; *Narizinho Arrebitado*

Introdução

Os escritos de Monteiro Lobato direcionados às crianças, embora tenham sido objeto de diversas pesquisas ao longo dos anos, possuem muitas camadas a serem exploradas no que diz respeito a sua evolução. A gama de variantes oriundas de modificações autorais sistemáticas indica não apenas o depuramento da linguagem, mas também a preocupação com a ambientação, com as situações e com os personagens¹. Assim, as investigações sobre tal prática criacional, ainda majoritariamente realizadas na área de Historiografia e Teoria Literárias², podem ser tratadas pela Filologia. A ciência, a partir do resgate das fontes, volta-se ao pormenor do texto, revelando as diversas roupagens que uma obra assumiu e, portanto, reconstrói os cenários aos quais os leitores do século passado tiveram acesso e que atualmente são

1 C.f.: Bertolucci (2005).

2 C.f.: Bignotto (1999; 2022); Bertolucci (2005); Souza (2009).

desconhecidos, evitando impressões equivocadas, no caso lobatiano, de uma narrativa hermética.

É praticamente unânime considerar que a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, em 1920 pela Monteiro Lobato & Cia., foi um marco, encabeçando o desenvolvimento da literatura para crianças no país³. O livro, de materialidade chamativa sob as ilustrações de Voltolino, enquadrou figuras que também foram se aprimorando, como Lúcia e a boneca de pano Emília. Tia Nastácia e Dona Benta também existiam nesse primeiro momento, mas com pouco destaque, porém Pedrinho surge logo depois, em *Narizinho Arrebitado: Segundo Livro de Leitura para uso das Escolas Primarias*, de 1921. Desde então, o personagem foi incorporado e passou ao núcleo de figuras essenciais nas histórias do Picapau Amarelo.

Já com o novo integrante, a obra continuou a se expandir por meio de outras narrativas avulsas: *O Sacy* (1921), *O Marquez de Rabicó* (1922), *A Caçada da Onça* (1924), *O Noivado de Narizinho* (1928), *Aventuras do Príncipe* (1928), *O Gato Félix* (1928), *Cara de Coruja* (1928), *Irmão de Pinocchio* (1929), *O Circo de Escavalinho* (1929), *A Pena de Papagaio* (1930) e *O pó de Pirlimpimpim* (1931). Essas histórias, apesar de fazerem parte do mesmo universo ficcional, não eram estritamente codependentes, assim, tiveram circulação própria e, do ponto de vista filológico, uma tradição particular.

Por conseguinte, a intensa produção teve outro momento decisivo em 1931, em que tais livros, salvo *O Sacy* e *A Caçada da Onça*⁴, foram reunidos em um único volume chamado *As Reinações de Narizinho*, publicado pela Cia. Editora Nacional. Cada narrativa se tornou uma espécie de arco temático e a decisão impactou a transmissão das obras que, embora formem uma célula,

3 Arroyo (2011), Coelho (1983), Lajolo; Zilberman (2022). Todos esses autores defendem que a literatura anterior a Lobato se pautava pelo utilitarismo, ou seja, objetivava a transmissão de valores e não uma estética própria, efetivamente artística.

4 Também se deve considerar *Fabulas* (1921), que se tornou *Fabulas de Narizinho* e, depois, retornou ao primeiro título. Essa publicação não integrou *As Reinações*.

apresentam características particulares e profundas alterações com a junção. Segundo Lajolo e Zilberman (2022, p. 86), o livro “dá início à etapa mais fértil da ficção brasileira”, no âmbito da literatura infantil. Por ter se tornado o início de uma saga, em que são apresentados os personagens e o ambiente, as alterações feitas em *Reinações* impactaram diretamente as narrativas seguintes, no tocante à consagração da trama e da linguagem. Nas décadas de 1930 e 1940, a obra continuou sendo retocada, mas pontualmente. Pode-se afirmar que tal labor deu as bases para que outros textos do escritor passassem por alterações menos intensas e mais pormenorizadas, como *Emília no País da Gramática* (1934) e *Histórias de Tia Nastácia* (1937).

Assim, em 1947, foi publicada a coleção *Obras Completas de Monteiro Lobato*, pela editora Brasiliense⁵. Por ser a última versão, ao que tudo indica, controlada pelo autor⁶, a coletânea é um corolário de sua produção literária. De modo geral, o conjunto finalizado possibilita análises literárias mais fechadas, já que as narrativas foram, pouco a pouco, dialogando entre si e formando uma trama mais coesa e linear, cujo resultado foi consolidado por meio da coleção. O texto oriundo das *Obras Completas* é utilizado como base para diferentes estudos, pois é a versão que contém o “último desejo” do autor. Hoje, os estudos do processo criativo permitem transcender essa noção, partindo do pressuposto de que muitas “vontades” autorais podem coexistir. Por conseguinte, as edições precedentes às *Obras Completas* tornam-se fontes indispensáveis para a compreensão do movimento da literatura infantil lobatiana.

Em uma carta de Lobato a Rangel, de fevereiro de 1943, Lobato reflete: “Muito interessante o que se passou com meus livros para crianças. Os

5 A coleção surgiu em 1946, com a obra adulta. Em 1947 foram publicadas as obras infantis completas e, em 1948, a última versão da obra para adultos.

6 Bignotto (2007) analisou a documentação solicitada por Lobato à Cia. Editora Nacional para a publicação com a Brasiliense, a respeito dos direitos autorais do escritor sobre sua obra; o documento garantia a liberdade de Lobato sobre seus escritos. Isso leva a crer que o autor controlou, pelo menos em grande parte, sua última publicação em vida.

personagens foram nascendo ao sabor do acaso e sem intenções” (LOBATO, 1968, p. 341). Seguindo o comentário, o escritor aponta o caso de Emília, que no nível da narrativa, nasceu boneca e, em *A Chave do Tamanho* (1942), transformou-se em ser humano, por meio de uma evolução física e psicológica. Essa evolução intensa é um dos exemplos mais evidentes quando se aborda os personagens lobatianos, porém ela ocorre no contexto da narrativa, ou seja, da trama, depreendida pelo conjunto de 1947. Nesse sentido, as alterações nos personagens ficcionais lobatianos também podem ser observadas por meio da evolução do processo de recriação da obra, o que, em grande medida, reflete na forma como foram analisados pela crítica literária.

Assim, embora seja consenso entre os estudiosos considerar Emília a única personagem efetivamente complexa da trama, justamente por exercer tensão dialética (COELHO, 1982, p. 730; VASCONCELLOS, 1982) e passar por todo o percurso acima referido, isso não significa que as outras figuras não tenham sua própria densidade em relação à dinâmica da composição. Na obra, Narizinho e Pedrinho “são *crianças sadias*, alegres e sem problemas, que servem para dar suporte à trama dos acontecimentos” (COELHO, 1982, p. 730). Isso significa que gozam de certa planicidade, já que são imutáveis⁷. Pedrinho pode ser hoje descrito como um menino sem muitas características divergentes de Narizinho quanto à sua psicologia, pois, a não ser pelo gênero, ambos compartilham do mesmo gosto pelas aventuras e pelo conhecimento, sempre curiosos e destemidos. Entretanto, apesar de Pedrinho ser pouco elaborado enquanto personagem ficcional, nem sempre seus traços foram os mesmos, indicando que sua verdadeira complexidade talvez resvale mais em seu processo de composição do que em seu papel nas narrativas.

7 As definições de personagens planos e esféricos podem ser encontradas em Candido (2019). Em resumo, o personagem complexo, ou “esférico”, apresenta características semelhantes às do ser humano pela sua ambivalência, pois seus sentimentos são transitórios e coerentes. Já o personagem plano é superficial, gerando os conhecidos “tipos” ou “personagens de costume” (CANDIDO, 2019, p. 63).

A partir da leitura de *As Reinações*, ou seja, das narrativas reunidas, Pedrinho é um menino da cidade, com acesso às tecnologias da época e bastante crítico de sua realidade, competindo em inteligência com sua prima Narizinho. É neto consanguíneo de Dona Benta, ao que tudo indica, filho de Antonica, e passa suas férias no sítio de sua avó. Essa é, *grosso modo*, a versão que se conhece hoje. Na história de 1931, quando é anunciado por Dona Benta que Pedrinho está vindo ao Sítio, há grande alvoroço, e Emília deseja que a avó conte a história do menino, assim como de todas as coisas ao redor. Então, se estabelece o seguinte diálogo:

— Pedrinho não tem historia, respondeu dona Benta rindo-se. É um menino de dez annos que nunca sahiu da casa de minha filha Antonica e portanto nada fez ainda e nada conhece do mundo. Como ha de ter historia?

— Essa é boa! replicou a boneca. Aquelle livro de capa vermelha da sua estante tambem nunca sahiu de casa e no entanto tem mais de dez historias dentro. (LOBATO, 1931, p. 32)

As falas se tornam um ponto chave para reflexões sobre a reminiscência da consciência do autor sobre o processo de sua obra. O trecho admitiria a seguinte leitura: Emília, portadora de uma noção extratextual, dá a impressão de que, na realidade, o visitante teria uma *outra* história, ao passo que Dona Benta desconhece o fato. Em suma, o personagem possuiria duas origens: a do âmbito ficcional, pensada pela avó, e a de sua composição, portanto, sua gênese, imaginada e referida pela boneca, por isso parece para ela absurdo Dona Benta afirmar que “Pedrinho não tem historia”.

Por conseguinte, há teóricos que defendem, inclusive, uma correspondência mais direta entre Lobato e Emília, como Nelly Novaes Coelho (1983, p. 730), que cunhou a ideia de a boneca ser “alter-ego” de seu criador. Isso não quer dizer que a personagem corresponda diretamente à imagem do autor, mas pode ser um meio para que ele, em alguns momentos, se insira na história a partir das percepções da boneca que dialogam com o mundo empírico, como críticas e outras reflexões. Em um nível menos

explícito, a passagem remeteria a um recurso bastante utilizado por Lobato em suas obras, a metaficção, ou seja, a menção ao próprio fazer literário, como uma espécie de “quebra da quarta parede” no texto⁸. Desse modo, a passagem ensejou este estudo, que busca esclarecer se, de fato, “Pedrinho não tem história”.

Considerando esse complexo processo, este artigo se concentra na trama que envolve o personagem Pedrinho, até então sem notícias de um estudo pormenorizado. O trabalho se desenvolveu no âmbito da Filologia, a partir de pressupostos da Crítica Textual Moderna e da Crítica Genética, voltando-se para as obras de original presente e ao confronto entre as versões não apenas para fixar a mais autorizada, mas também para alavancar novas reflexões sobre uma tradição que teve muitos vieses ao longo de sua transmissão. Considera-se, portanto, a importância das fontes primárias para os estudos da Literatura e seu impacto sobre a historiografia da obra. Para tal, complementarmente, baseamo-nos em estudos de Zilberman *et. al* (2004), em que se pontua a importância do tratamento das fontes para análises literárias de cunho historiográfico, colocando em interface Filologia e Literatura Infantil.

O artigo está estruturado da seguinte forma: discute-se, na seção seguinte, o lugar do texto impresso como fonte primária e como *Narizinho Arrebitado* e as demais versões iniciais da obra infantil de Monteiro Lobato podem se tornar fontes de sua própria tradição textual. Em seguida, na segunda seção, apresenta-se a análise propriamente dita com base no cotejo entre as edições de *Reinações de Narizinho* e outras complementares, entre outros livros infantis da mesma série e contos da obra adulta de Lobato. Aponta-se, por fim, que esta análise pode ser estendida a outros personagens e aspectos da narrativa, tendo em vista a vastidão da produção lobatiana.

8 Segundo Navas (2015), a metaficção é o “desnudamento” do fazer literário por meio de referências aos personagens como seres ficcionais, ao escritor e à sua estrutura. Exemplos do recurso podem ser vistos quando, em *Emília no País da Gramática*, Lobato e os ilustradores são mencionados pelos personagens.

1. Fontes impressas e o processo de criação

Fontes primárias são o objeto fundamental da Crítica Textual e normalmente estão associadas a manifestações textuais mais primitivas de determinado texto. Zilberman (2004, p. 18) esclarece que, de forma genérica, “*fontes* corresponde a um significante que pode acolher tudo que precede a obra, pertencendo à sua fase de gestação e produção”, englobando não apenas escritos em si, mas experiências humanas e tradições. Portanto, será tarefa do pesquisador “eleger as fontes que ele reconhece na obra do artista, quando conferir-lhe um arranjo e um sentido”, bem como “recolher os indícios, estabelecer uma ordem e buscar a significação” (ZILBERMAN, 2004, p. 18).

A primeira definição de Zilberman (2004) remete a instâncias mais complexas de investigação, pois dizem respeito à questão biográfica do autor. Lobato cresceu em Taubaté, interior de São Paulo, em uma fazenda, e era neto de um visconde. Sabe-se que essas experiências, principalmente na infância, contribuíram para a criação de sua ficção, em que são resgatadas as imagens e costumes dessa época⁹. Suas leituras, não apenas quando criança, mas também em sua vida adulta, se entrelaçaram com os seus escritos. Bignotto (2022), inclusive, apresenta um emaranhado de referências a outras obras infantis em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, indicando uma complexidade, segundo a autora, ainda a ser mais explorada na produção lobatiana.

A partir desse contexto plural, é possível estabelecer um marco para o início das investigações das fontes primárias. Hay (2007, p. 12), no âmbito da Crítica Genética, aponta que “a literatura começa com a escritura”, ou seja, embora exista a possibilidade de considerar que a literatura é desencadeada pela leitura ou por outras experiências, é o texto que demarca seu início. Ao mesmo tempo, as fontes podem ser compreendidas por essa mesma demarcação, pois, muitas vezes, há fontes na própria obra do autor. Quando um escritor altera sucessivamente seus escritos em muitos testemunhos, as

9 C.f.: Cavalleiro (1962).

possibilidades de encontrar esses documentos aumentam consideravelmente, e o trabalho da crítica também é potencializado.

Contudo, na visão de Zilberman *et. al* (2004, p. 15), nem sempre as fontes foram consideradas indispensáveis para o estudo e compreensão de uma obra, pois a Teoria da Literatura tende a “abrir mão desse material, ao privilegiar o produto final, a obra publicada, em detrimento de suas origens e processo de criação”. A prática, por conseguinte, estendeu-se para a historiografia literária, “alinhando no tempo o produto legitimado pela Teoria”, o que desmaterializa o objeto, que se torna “um ser ideal que não corresponde algo concreto” (ZILBERMAN *et al.*, 2004, p. 15).

Ao tratar da obra infantil de Lobato e das análises dela originadas, torna-se evidente que as edições anteriores ao estabelecimento das *Obras Completas* permaneceram à margem da tradição. Resvala-se, portanto, na problemática observada por Zilberman *et al.*: o objeto foi des-historicizado pela crítica, quando, na realidade, não pode ser cindido do seu processo histórico. Considerar que a obra lobatiana variou é essencial para não se criarem análises homogeneizantes, frágeis e fragmentadas de sua própria natureza. Diferentemente do ideal construído (pautado pela última publicação), as fontes primárias “são concretas, materiais e palpáveis”, denunciando a existência de um processo de criação que nem sempre é considerado (ZILBERMAN *et. al.*, 2004, p. 15).

Ademais, para a Crítica Genética francesa, o manuscrito foi eleito como principal fonte de estudo, pois é subterrâneo em relação ao impresso, apresentando possibilidades múltiplas de leitura e movência diversa daquele (GRÉSILLON, 2007, p. 19). Privilegia-se, portanto, a “produção sobre o produto”, a “escritura sobre o escrito”, a “textualização sobre o texto”, o “múltiplo sobre o único” (GRÉSILLON, 2007, p. 19). Todavia, o lugar do impresso como testemunho do processo ainda é dúbio frente aos estudos genéticos, justamente porque seria, em tese, a etapa final do processo de criação. Ao mesmo tempo, cada tradição literária é dotada de particularidades, como a de Lobato, em que o livro também materializa muitas versões do

texto, mesmo que não ocupe o mesmo “lugar” do manuscrito. Tendo isso em vista, partimos da consideração de Zilberman:

[...] as fontes podem ser primárias se se estabelecer, a partir delas, uma história, caso o começo que demarcam obtenha algum impacto. Fontes podem ser chamadas de primárias se, depois delas, se constarem as secundárias e outras. (ZILBERMAN, 2004, p. 21).

Por conseguinte, reitera-se a necessidade de o pesquisador organizar tais materiais, definindo o que será primário ou secundário de acordo com as especificidades de uma produção. Nesse sentido, *Narizinho Arrebitado* é uma fonte primária em relação a *As Reinações de Narizinho* e para a história de Pedrinho, mas é secundária quando se parte de *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Na próxima seção, ilustra-se justamente esse emaranhado de remissividades possíveis, em que as versões dialogam e demonstram o processo dinâmico de recriações.

Vale destacar, ainda, que o fato de as fontes serem impressas não implica, necessariamente, a facilidade de acesso a elas. A ampla circulação dos livros de Monteiro Lobato foi afetada pelas publicações que iam, pouco a pouco, superando as edições passadas. Assim, a tradição que preconizamos como essencial para a compreensão da obra tornou-se rara, sendo encontrada apenas em acervos especializados, os quais nem sempre estão abertos para consulta, no caso de coleções particulares, por exemplo. A Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato, em São Paulo, possui a maior parte dessas edições, mas, ainda assim, não é completa, demandando um trabalho de recensão intenso¹⁰, porque também é preciso considerar que podem existir problemas de catalogação nos arquivos. Uma das hipóteses para o “apagamento” das versões, nesse sentido, se dá pela própria dificuldade de acesso às fontes, fato notado por Brero (2003, p. 09) ao tratar da recepção de *Menina do Narizinho Arrebitado* e de *Narizinho Arrebitado*.

10 Este trabalho se utilizou, salvo a edição de 1947, dos testemunhos do Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato para compor a análise.

Ademais, ressaltamos até agora que as fontes da obra infantil lobatiana não foram exploradas fortemente pela crítica especializada, mas isso não significa que não existam estudos que assinalem a sua importância. Um exemplo é a publicação organizada por Lajolo e Ceccantini, *Monteiro Lobato, livro a livro* (2009), que, para cada obra analisada, traz uma introdução sobre a sua história, a qual sempre se refere às mudanças feitas pelo autor. Embora não seja o foco a movência do texto, abre-se um caminho para que mais pesquisas sejam feitas, porque as alterações nos escritos indicam uma prática global do escritor. A pesquisa de Bertolucci (2005), sobre a composição de *Reinações de Narizinho*, também é um exemplo da preocupação em recompor o percurso histórico da obra.

Conforme já destacado, a primeira aparição de Pedrinho é em *Narizinho Arrebitado*, também conhecido como *Narizinho escolar*¹¹, que não pode ser ignorada frente à tradição de *Reinações*. O livro apresenta variantes bastante diversas e seu número de exemplares foi muito expressivo: cerca de 50.000 unidades foram impressas pela Monteiro Lobato & Cia.¹². Ainda não há pesquisas sobre o assunto, mas a edição pode ter sido a que mais circulou e talvez uma das mais lidas, no contexto anterior ao estabelecimento pleno das *Obras Completas*¹³. Dessa maneira, se milhares de leitores tiveram acesso a essa versão, é preciso revisita-la, para, de fato, compreender o processo de criação lobatiano e a história de sua produção.

11 O termo é cunhado por Lobato na carta direcionada a Rangel, em 9 de fevereiro de 1921 (LOBATO, 1962, p. 228).

12 O número de 50.500 é mencionado pelo escritor em uma missiva a Rangel em 21 de maio de 1921 (LOBATO, 1962, p. 230).

13 É preciso realizar um levantamento minucioso das leituras feitas pelas crianças em bibliotecas e escolas, por meio de registros remanescentes, para dimensionar em que momento a única versão circulante passou a ser a de 1947. A hipótese é que durante muitas décadas as crianças tiveram acesso ao texto em variação, legitimando abordagens que não excluam as versões precedentes à publicação derradeira.

Em 9 de fevereiro de 1921, Lobato escreveu a Godofredo Rangel, informando que enviaria 500 exemplares¹⁴ do livro para que o amigo “experimentasse” em algumas crianças, e arremata com uma frase bastante replicada pelos estudiosos: “Só procuro isso: que interesse às crianças” (LOBATO, 1962, p. 228). Nesse sentido, o próprio escritor via na edição um caráter experimental, o que justifica o descarte de muitas de suas variantes. Conforme nota Magalhães (1982, p. 135-136), Lobato reconhecia tal possibilidade de mudança, pois o texto, por objetivar o interesse e divertimento da criança, já se diferenciava em grande medida do cânone pedagógico da Literatura Infantil da época, voltado ao utilitarismo.

Sabe-se, por meio de uma entrevista dada pelo autor posteriormente, que por volta de 30.000 livros foram vendidos para as escolas do Estado de São Paulo, quando o então governador, Washington Luís, adquiriu o lote à pronta entrega¹⁵. Segundo Brero (2003, p. 17), a publicidade da obra frisou a questão pedagógica, trazendo comentários de educadores, das crianças leitoras e da crítica especializada. Houve um grande esforço para que *Narizinho Arrebitado* fosse consumida e aceita no âmbito educacional, de modo que sua possibilidade de variação não esbarrava, necessariamente, na grande difusão pretendida.

14 Segundo Azevedo, Camargos e Sacchetta (2000, p. 79), os 500 exemplares foram distribuídos gratuitamente “para todos os grupos e escolas públicas de São Paulo”. Na carta em questão, Lobato afirmou que enviava diretamente a Rangel.

15 LOBATO, Monteiro. **Prefácios e entrevistas**. São Paulo: Brasiliense, 1948, p. 215.



Imagem 1: capa de *Narizinho Arrebitado* (1921).

Fonte: Capas de Livros (Brasil). Disponível em: <https://capasdelivrosbrasil.blogspot.com/2017/12/monteiro-lobato-a-menina-do-narizinho-arrebitado.html>. Acesso em 26 ago. 2024.

Contando com 181 páginas, devido aos tipos graúdos e ilustrações, o livro é composto por três partes. A primeira é referente a *A Menina do Narizinho Arrebitado*, ou seja, apresenta, já com variantes em relação a primeira publicação, a aventura da protagonista ao Reino das Águas Claras, cujos subcapítulos foram numerados entre I e XVII, o que não ocorre com as outras duas seções, talvez por conta da falta de planejamento na composição ou de problemas tipográficos.

A Parte II narra uma espécie de continuação, mas que não depende diretamente dos acontecimentos da anterior, pois trata de outras situações envolvendo Lúcia e sua boneca, como a temporada de jabuticabas, o ataque da vespa e a pescaria. É também na segunda parte que Pedrinho é mencionado

pela primeira vez, mais especificamente em “Pedrinho Pichochó”, e aparece, de fato, em “Pichochó”. Já o terceiro segmento foca na aventura de Narizinho e Emília pelo Reino das Abelhas, da qual Pedrinho não participa ativamente. Por conseguinte, as Partes II e III de *Narizinho Arrebitado* só foram reeditadas em *As Reinações* e não tiveram circulação própria como as demais narrativas como *Aventuras do Príncipe* ou *O Marquez de Rabicó*, fundindo-se no arco “O Sítio do Picapau Amarelo”. Nesse processo de junção, dez anos depois, grandes mudanças no conjunto foram realizadas.

A história de Pedrinho, no entanto, pode remontar a outras manifestações textuais mais primitivas, como, de acordo com a nomenclatura da Crítica Genética, a partir do *avant-texte*¹⁶. Manuscritos, rascunhos e campanhas de escrita anteriores à publicação são documentos ricos para compor o processo de criação. Contudo, o autor não deixou os manuscritos propriamente ditos da obra infantil, a não ser alguns datiloscritos de contos, exemplares emendados, pertencentes ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato, e um caderno de anotações contendo um proto-texto de *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Pertencente ao Fundo Raul de Andrada e Silva, do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, o manuscrito contém dois personagens, Nenê e Joãozinho, que saem para uma pescaria¹⁷. A menina adormece olhando os peixinhos na bacia e sonha se casar com um príncipe camarão, mas acorda em seguida.

16 De acordo com o Glossário de Crítica Textual, *avant-texte*, ou “ante-texto”, são “todos os testemunhos genéticos escritos conservados de uma obra ou de um projecto de escrita, e organizados em função de uma cronologia das sucessivas etapas da sua escrita”. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm#A>. Acesso em 22 jan. 2025.

17 Além deles, é mencionada Tia Joaquina, dona da bacia de “mariscar” utilizada pelas crianças na pescaria. A personagem também se desdobrou, posteriormente, em Tia Nastácia.

O pequeno conto da caderneta é muito similar ao que veio a público na primeira versão da obra, mas, claramente, houve muitas modificações, incluindo o nome dos personagens. Joãozinho pode ser considerado um personagem cujas características foram aproveitadas em Pedrinho, mas vale ressaltar que, mesmo após muitas mudanças, ele continuou não participando da primeira história. O caderno também é uma fonte para investigar o processo de criação da obra, mas em um recorte mais voltado para a gênese em contexto primário e não ao texto exposto aos leitores e suas variações.

Por fim, ao explorar a noção de fontes primárias como essenciais para o processo de reconstrução histórica da obra, é possível verificar que, no caso de Lobato, o impresso ocupa lugar de destaque nesse contexto, pois é fonte para o estudo da evolução da obra, principalmente porque os manuscritos não sobreviveram.

2. De Pedrinho Pichochó a Pedrinho da cidade

Em *Narizinho Arrebitado*, quando é anunciado que Pedrinho virá morar no Sítio, no então capítulo “Pedrinho Pichochó”, há o seguinte diálogo:

— Deixe estar, minha filha, que é ainda te arranjo um companheirinho. O tio Antonio anda muito mal e si elle morrer vem morar connosco o primo Pedrinho.

— O Pedrinho Pichochó? indagou a menina.

— Ai, minha filha! ralhou a velha. Que costume, esse, de botar appellido em toda gente! E¹⁸ muito feio, sabe?

— Mas, vovó, o Pedrinho não é mesmo um pichochó inteirado? Aquelle bico, aquelle pescoço, aquelle geitinho tivitivi... (LOBATO, 1921, p. 91-92)

Quando chega a notícia da morte do pai do garoto, Dona Benta lê a carta em que é pedido o favor de que cuidasse do menino, e Pedrinho seria “um orphão de oito annos sem outro amparo na vida a não ser ella.” (LOBATO,

18 *sic* (sem acento).

1921, p. 117). O personagem era, na obra, um parente de Dona Benta, que o adotou como seu neto após a perda de seus pais, assim como Narizinho, que em *A Menina do Narizinho Arrebitado* e em *Narizinho Arrebitado*, era abertamente descrita como órfã.

Diferentemente de Pedrinho de *As Reinações*, o personagem era tímido, um “caipirinha arisco” (LOBATO, 1921, p. 118). Nesse sentido, é possível considerar que o garoto foi representado, em alguma medida, como uma espécie de Jeca, tal qual o personagem caipira lobatiano. Conforme a ilustração de Voltolino, aparece descalço¹⁹, com roupas simples e com um chapéu de palha na mão:



Imagem 2: Pedrinho e Narizinho por Voltolino, em *Narizinho Arrebitado* (1921), p. 92.

Fonte: Reprodução do Acervo Monteiro Lobato (Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato).

19 Nas ilustrações de Villin, feitas para *As Reinações* (1931), Pedrinho também não usa sapatos.

Em *As Reinações*, a carta que anuncia a vinda de Pedrinho se mantém, mas dessa vez é escrita por ele. Na missiva, são feitas algumas exigências para sua recepção, como o cavalo pangaré, o “chicotinho de cabo de prata”, que Emilia usasse “seu vestido novo” e Rabicó um “laço de fita na cauda” (LOBATO, 1931, p. 48), demonstrando uma relação de familiaridade bastante latente. Tudo é atendido prontamente por Lúcia, que tem grande estima pelo primo, diferentemente de *Narizinho Arrebitado*, em que a relação entre eles se inicia pelo e estranhamento e é progressivamente construída. Cria-se, portanto, outro cenário em *As Reinações*, adaptado às novas configurações do personagem.

Isso posto, o fato de a orfandade ser retirada da tópica do personagem pode estar ligada ao desenvolvimento da visão do autor sobre a representação da infância, ainda em formação em sua literatura infantil. Nas narrativas do Picapau Amarelo, principalmente quando se trata de sua versão mais cristalizada, estabeleceu-se o foco nas crianças, responsáveis pelo desenrolar dos problemas. Segundo Khéde,

Excluindo as figuras paterna e materna, clássicos representantes do poder adultocêntrico, restam uma avó que exercita um poder formal – podendo exageros de comportamento, lembrando que é hora de dormir etc. – e Nastácia – criada afetivamente ligada às crianças. Mas é em torno das crianças que gira a ação do livro, as duas personagens adultas entrando em cena mais como coadjuvantes para possibilitar a verossimilhança do relato. (KHÉDE, 1990, p. 55).

Nesse sentido, Pedrinho órfão definia-se, em grande medida, por uma espécie de “pré-história” ligada a um destino trágico, orquestrado pelos adultos ou pela falta deles. O personagem, a partir de 1931, decide ir ao sítio da avó passar suas férias, motivado pelo afeto e não mais pela necessidade. Algo similar aconteceu com Narizinho, cuja origem, devido às reformulações, passou a ser apenas deduzida pelo leitor, ou seja, pouco importava, após as alterações, de onde as crianças vieram, mas sim como vivem naquele ambiente. Embora os finados pais das crianças não fossem

tão importantes do ponto de vista da trama em *Narizinho Arrebitado*, sua existência impacta na construção dos traços dos personagens, que seriam sempre “órfãos”. Como consequência, os adultos que os cercam tornaram-se cada vez mais acessórios, indispensáveis apenas para a verossimilhança da obra, confirmando a consideração de Khéde (1990).

Ainda no âmbito da infância lobatiana, Bignotto (1999, p. 62) aponta a existência de uma “infância cabocla” nos contos da obra adulta do autor. Tanto na obra adulta como na obra infantil as crianças têm faixa etária semelhante, compartilham majoritariamente do ambiente rural e o papel de sua imaginação nas narrativas é recorrente. Contudo, na primeira modalidade, as personagens têm destinos trágicos, sofrendo maus tratos e até mesmo a morte (BIGNOTTO, 1999). Mas, para a autora, “No Sítio do Picapau Amarelo, a morte até ocorre, mas nunca atinge Pedrinho e Narizinho. Eles também nunca são vítimas de violência física, como Pedrinho, de *O Fisco*, ou psicológica, como Pedrinho Pichorra.”²⁰ (BIGNOTTO, 1999, p. 136).

Narizinho escolar indica, portanto, que, embora haja diferenças entre as representações da infância nos dois segmentos da obra lobatiana, é preciso reconhecer que ela não é estritamente dicotômica, mas se instaura após 1931, quando *As Reinações* se constitui. A morte, na versão de 1921, afetou em grande medida o destino dos personagens, principalmente o de Pedrinho. Devido à proximidade em que foram escritos os contos da obra adulta de Lobato e o início de sua literatura infantil, são muitas as conexões possíveis entre os resultados obtidos pela análise de Bignotto (1999) e a evolução dos traços do personagem. Em uma instância maior, retomando as afirmações de Zilberman (2004), pode-se considerar que os contos de *Urupês* (1918) ou de *Cidades Mortas* (1919) também são fontes para a análise das primeiras publicações para crianças do autor.

20 “O fisco” é um conto de *Negrinha* (1920) e “Pedro Pichorra” de *Cidades Mortas* (1919).

A correspondência entre os nomes dos adultos que rondam o garoto também pode ser ressaltada. Se antes Pedrinho era filho de Tio Antonio, parente distante da avó, tornou-se filho de Antonica, filha de Dona Benta. Em *Pena de Papagaio* (1930), quando o menino se dá conta que não quer crescer, assim como Peter Pan, afirma:

— Que maçada, murmurou de si para si. Tenho de crescer, ficar do tamanho do tio Antonio, com aquelle mesmo bigode, feito uma taturana, em baixo do nariz e, quem sabe, aquella mesma verruga barbada no queixo. (LOBATO, 1930, p. 04-05)

No mesmo livro, há uma ilustração de Tio Antonio, que não foi preservada em *As Reinações*:



Imagem 3: Tio Antonio, em *Pena de Papagaio* (1930), p. 04.

Fonte: Reprodução do Acervo Monteiro Lobato (Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato).

A menção ao personagem foi mantida na versão de 1931 e nas demais. O fato de Tio Antonio ter sido fisicamente caracterizado e sua referência mantida levanta a possibilidade de se tratar de uma referência real para o autor o que, não obstante, remontaria a algo mais subjetivo da análise. As muitas permanências de traços que poderiam ser extintos do texto indicam procedimentos muito particulares do fazer literário lobatiano, o que será tratado mais adiante.

Pedro, em *Narizinho Arrebitado*, possuía o hábito de subir em árvores, por isso seu apelido “pichochó”, como o pássaro, dado por Narizinho. Essa característica acompanha o personagem em todo o livro. No diálogo a seguir, vê-se tal reiteração:

— Eu não cáio de cavallo...

— E de arvore, cae? De arvore, sim, acredito que você não caia...

— Porque?

— Porque nunca vi passarinho cair de arvore.

— E eu sou passarinho?

— Pois não sabe? Não sabe que é um pichochó?

— Eu? Pichochó? exclamou Pedrinho, com cara de espanto.

— Ora esta! replicou a menina, com um arzinho de troça. Esse bico, esse ar, esse geito... Você é um puro pichochó, meu caro! (LOBATO, 1921, p. 121).



Imagem 4: Pedrinho e Narizinho na cena da árvore, em *Narizinho Arrebitado* (1921), p. 119.

Fonte: Reprodução do Acervo Monteiro Lobato (Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato).

No decorrer da cena, Narizinho decide armar uma arapuca para atraí-lo, jogando farelos no chão, a fim de compará-lo ainda mais ao pássaro. A protagonista, no início, tratava-o com hostilidade, fazendo com que Pedrinho se recusasse a ficar no sítio de Dona Benta, que repreende a neta pelo mal comportamento.

Em “Bucólica”, conto de *Urupês*, a menina Anica é descrita como “passarico enfermo”, vista como um estorvo pela própria mãe; em “A vingança do peroba”, também do mesmo livro, Pernambi era “um pássaro desta alturinha, apesar de bem entrado nos sete anos”²¹. Segundo Bignotto (1999, p. 64), “passarico”, assim, seria “alguém que ainda não pode voar sozinho e precisa de cuidados – uma criança”. Outra semelhança se dá no próprio nome do personagem Pedro Pichorra, do conto homônimo de *Cidades Mortas*, que, além de ser o mesmo dos livros infantis, não deixa de imprimir uma semelhança sonora com “Pichochó”. Desse modo, Pedrinho de *Narizinho Arrebitado* pode ter recebido alguns dos atributos das crianças infelizes da obra adulta, indicando ainda haver pouca originalidade na composição dos personagens.

Ademais, em *O Sacy*, também de 1921, o garoto foi caracterizado como pássaro do mesmo modo: “Narizinho Arrebitado e Pedrinho Pichochó faziam della [Dona Benta] gato e sapato” (LOBATO, 1921, p. 05). Conforme a origem do personagem se alterou, a introdução da obra também foi mudada, passando a apresentar um panorama de Pedrinho, já filho de Antonica e neto de Dona Benta, que aproveita as férias no sítio da avó. Portanto, “Pichochó”, nas lições mais antigas, era praticamente um epíteto do personagem, assim como “Arrebitado” era de Narizinho. Talvez tenha existido, para o autor, a possibilidade de criar uma equivalência entre as figuras, dando a Pedrinho narrativas por ele protagonizadas. Isso de fato ocorreu com *Caçadas de Pedrinho* e até em *O Sacy*, em que o menino ganhou mais destaque que Lúcia, mas sem o adjetivo que, de certa forma, o caracterizaria.

21 BIGNOTTO, Cilza Carla. **Personagens infantis da obra para adultos e da obra para crianças de Monteiro Lobato: convergências e divergências**. 1999. 166 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999, p. 63-64.

Por conseguinte, a alusão à conexão entre o pássaro e Pedrinho foi diluída ao longo das reformulações e das publicações das obras avulsas. Em *O Marquez de Rabicó*, de 1922, Narizinho encontra o primo no pomar, “chupando laranjas com a gulodice de um sanhaço”, e afirma: “Ahi, sêo sabiá! Acabe logo com isso [...]” (LOBATO, 1922, p. 11). A passagem, que é a única na edição a trazer a relação entre o menino e uma ave, não permaneceu na incorporação da narrativa em 1931. Todavia, na reunião, as referências não foram totalmente apagadas, conforme atesta a chegada do personagem ao sítio: “[...] Pedrinho apareceu na porteira, trotando no pangaré, corado do sol e alegre *como um passarinho*” (LOBATO, 1931, p. 49. Grifos nossos).

Tanto em *Narizinho Arrebitado*, como em *As Reinações*, uma bruxa²² transforma os habitantes do sítio em aves, e Pedrinho se tornou justamente um pixoxó. Entretanto, a partir da nona edição²³ de *Reinações*, ainda no contexto autoral, ele passa a ser um tiziu. Para melhor visualização, segue o quadro comparativo entre as lições:

22 Na versão de 1931, a bruxa é Dona Carochinha disfarçada. Em *Narizinho Arrebitado*, a personagem ainda não existia, pois é inserida em *As Reinações*.

23 As pesquisas sobre a tradição da obra revelaram que a partir da sétima edição houve uma recontagem do número das edições. A sétima seria, na verdade, a terceira, a partir da primeira de 1931, havendo um descompasso entre o que foi impresso no exemplar a ordem de publicação. A hipótese é que, por alguma razão desconhecida, as edições voltaram a ser numeradas a partir da *A Menina do Narizinho Arrebitado* e não mais de *Reinações*.

<i>Narizinho Arrebitado</i> (1921, p. 176)	<i>As Reinações de Narizinho</i> (1ª. ed. 1931, p. 74)	<i>Reinações de Narizinho</i> (9ª. ed. 1943, p. 66)
Subito — <i>prrrlipipiu</i>, um passarinho cantou na arvore. A menina ergueu os olhos e viu que era um pichochó. — Emilia, você não está achando aquelle pichochó com geito do Pedrinho? — Muito! E querem ver que é elle mesmo? — Pedrinho, vem cá, Pedrinho! chamou-o. O pichochó desceu da arvore e pousou no collo da menina admirada. — Então que é isto, Pedrinho? Deixo-te em casa feito gente e venho te encontrar feito passarinho!...	No melhor da festa — “<i>prrlipipiu</i>” um passarinho cantou na arvore proxima. A menina ergueu os olhos: era um pichochó. — Emilia, disse ella intrigada, você não acha aquelle pichochó com um certo ar de Pedrinho? — Muito! E querem ver que é elle mesmo? — Pedrinho! Pedrinho! Vem cá, Pedrinho! gritou Narizinho afflicta. O pichochó desceu da arvore, vindo pousar em seu hombro. — Então é isso, Pedrinho? Deixo você em casa feito gente e venho encontrar você transformado em ave?	No melhor da festa — <i>tzziu!</i> um passarinho cantou na arvore proxima. A menina ergueu os olhos: era um tísio. — Emilia, disse ela intrigada, não acha aquele tísio com um certo ar de Pedrinho? — Muito! E querem ver que é ele mesmo? — Pedrinho! Pedrinho! Venha cá, Pedrinho! gritou Narizinho aflita. O tísio desceu da arvore, vindo pousar em seu ombro. — Então que é isso, Pedrinho? Deixo você em casa feito gente e venho encontrar você transformado em ave! ...

Quadro 1: comparação sinóptica entre as lições de 1921, 1931 e 1943. Fonte: LOBATO, 1921; 1931; 1943.

A situação reitera a cena do primeiro encontro entre os personagens, em que Lúcia pede para que o primo desça da árvore, tornando a referência mais direta em *Narizinho escolar*. Já em *Reinações* isso é apenas uma reminiscência do texto de 1921, porquanto a versão não apresenta a mesma conexão entre as ideias, porque a origem de Pedrinho foi modificada. Ademais, de 1943 até as *Obras Completas* foi constatado que a variante “tízio” substituiu completamente “pichochó”. A mudança na espécie do pássaro talvez dialogue com a própria verossimilhança da obra, pois não havia mais

a referência inicial de Pedrinho como pixoxó. Logo, a reelaboração constante da passagem demonstra o cuidado com a estrutura interna da obra, revelada também pela mudança lexical.

Outro aspecto a ser considerado é em relação aos talentos do personagem. Em *Narizinho escolar*, embora Pedrinho não tivesse o mesmo traquejo social da protagonista, apresentava aptidão para arquitetar, construindo um monjolo no sítio de Dona Benta. A façanha admira os demais habitantes do lugar e a avó afirma: “Deixa estar, meu filho, que quando cresceres hei de te fazer estudar engenharia” (LOBATO, 1921, p. 127). Vale ressaltar, ainda, outro paralelo com a obra adulta de Lobato, pois o pai de Pernambi, do conto “A vingança do peroba”, Pedro Porunga, era mestre monjoleiro. Parece, portanto, haver uma retomada não apenas do nome dos personagens, mas também de suas atividades.

Ademais, a preocupação com a aprendizagem e sua utilidade é uma constante na obra de Monteiro Lobato, em que a “aptidão natural científica e tecnológica dos meninos [na obra lobatiana] é intencionalmente desenvolvida”, e “Pedrinho simboliza a habilidade de energia intelectuais bem direcionadas” (HAYDEN, 2012, p. 105-109). Mesmo na versão incipiente do personagem, tais noções já apontavam.



Imagem 5: Pedrinho constrói o monjolo, em *Narizinho Arrebitado* (1921), p. 126.

Fonte: Reprodução do Acervo Monteiro Lobato (Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato).

Posteriormente, já enfadado pelo movimento repetitivo do pilão, “Pedrinho aborreceu-se e deliberou ‘abrir uma fazenda’ — a Fazenda de S. João” (LOBATO, 1921, p. 127). De fato, ele a realiza a empreitada, em uma versão reduzida, mas com muitos detalhes, porém Rabicó a destrói, fazendo com que Pedrinho, aborrecido, passasse a fazer “brinquedos dentro de casa”, como um boi de pão, cujos “olhos eram de caroço de feijão vermelho; os chifres, de espora de gallo velho e a cauda, de pennas de gallinha” (LOBATO, 1921, p. 131).

A elaboração de brinquedos artesanais surge em outros momentos da obra, como em *Peter Pan* (1930), adaptação lobatiana do livro de James

Barrie²⁴. Quando Dona Benta, mediadora da história, explica às crianças o que é *nursery*, Emília pergunta se lá haveria boi de chuchu, ao que Dona Benta responde: “Talvez não tenha, porque boi de xuxú é brinquedo de meninos da roça e Londres é uma grande cidade” (LOBATO, 1950, p. 152). Os personagens criticam a qualidade dos brinquedos brasileiros e “Pedrinho declarou que quando crescesse ia montar uma grande variedade possível, e que lançaria no mercado bonecos representando o visconde de Sabugosa, a Emilia, o Rabicó, etc.” (LOBATO, 1950, p. 153). Em *Narizinho Arrebitado*, Pedrinho fez um boi de pão, o que, para Dona Benta posteriormente, seria justamente “brinquedo de meninos da roça”; o fato de Pedrinho desejar, na nova versão, fazer brinquedos industrializados demonstra o quanto o personagem acoplou-se a sua roupagem de “menino da cidade”.

Vale ressaltar que a construção do monjolo não perdurou em *As Reinações* e, com isso, a fazenda que o garoto gostaria de construir também deixou de existir. Entretanto, na versão reformulada, quando Pedrinho chega ao Sítio, o que chama sua atenção é justamente o mastro com o mesmo nome da fazenda que idealizara: “O mastro de S. João! ... murmurou enlevado. Quantas vezes no collegio me illudi com os ringidos das portas, imaginando que era a bandeira do nosso querido mastro!” (LOBATO, 1931, p. 50). O narrador prossegue: “O dia de S. João era o grande dia de festa no sitio do Picapau Amarello” (LOBATO, 1931, p. 50) e, ainda:

Nos ultimos tempos era Pedrinho quem pintava o mastro, caprichando em formar arabescos de todas as côres, cada anno dum stylo differente. Tambem era elle quem fornecia a bandeira com o retrato de S. João menino, de cruz ao hombro e cordeiro no braço. Trazia-a da cidade, depois de percorrer todas as casas de negocio a fim de comprar a mais bonita. (LOBATO, 1931, p. 51).

A passagem indica a imagem do santo católico relacionada a Pedrinho foi mantida. O itinerário das práticas tradicionais das festas em homenagem a

24 Para a comparação utilizamos uma versão apógrafa, originada das *Obras Completas*.

São João foi descrito e a celebração se tornou um dos elos entre o personagem e a cultura local, assim, enraizando-o no ambiente em que a história ocorre. Pedrinho passou a ser o menino da cidade e é lá que começa uma espécie de peregrinação, escolhendo a bandeira “mais bonita”, após “percorrer todas as casas de negocio”. Vasconcellos (1982, p. 75) aponta que o tratamento dado às religiões na obra infantil de Monteiro Lobato não é positivo, pois são frequentemente postas no mesmo plano “de superstições e credences populares — coisas risíveis”. Por outro lado, na passagem, a festa católica transcendeu tais níveis, tornando-se uma manifestação cultural celebrada e importante para o personagem.

Por conseguinte, o garoto da cidade conecta o leitor ao meio rural em que a história se passa. O sítio é o local permeado pelo maravilhoso, onde tudo pode acontecer no âmbito do imaginário. Assim, o menino, tal qual a criança leitora, é a figura que sai da “realidade” e se desloca a esse ambiente fantástico. Narizinho, por outro lado, sendo a protagonista, já pertencia, de certa forma, a esse espaço, e pouco conhece da cidade grande, alumbrada apenas pelas narrativas da avó e do primo. Vasconcellos (1982, p. 146) assumiu que “Pedrinho é muitas vezes representado como o modelo do cidadão perfeito”, “sempre preocupado com os destinos do Brasil e do mundo, sempre com jornais na mão”. Portanto, o menino de *Narizinho Arrebitado*, ainda “pichochó”, apesar de conservar traços pessoais valorizados na obra, como a esperteza, limitava-se quanto a sua representação na história; seu novo caráter cosmopolita permite a dimensão maior de mundo, ampliando as conexões entre os personagens e as perspectivas ideológicas da obra voltadas à valorização da modernização²⁵.

25 C.f.: Vasconcellos (1982). A autora fornece um panorama dos aspectos ideológicos de Lobato detectados em sua obra infantil, como a presença de concepções evolucionistas, o questionamento do etnocentrismo e da História, o papel das crianças e sua relação com os adultos, entre outros.

Vale ressaltar que o sítio carrega forte simbologia na obra, podendo ser considerado uma alegoria do Brasil em desenvolvimento (GÊNOVA, 2006). Em *O Picapau Amarelo*, publicado em 1939, Dona Benta adquire uma nova porção de terras, as quais seriam ocupadas pelos personagens dos contos de fada. Pedrinho sugere a avó que aqueles fossem relocados, mas com a condição de se construir um muro em que se separasse as “Terras Novas” do “velho sítio”. O garoto, nesse sentido, compreende como manejar a “geopolítica” do local, preservando, conforme aponta Gênova (2006), sua tradição. Pedrinho, assim, surge como a figura que sabe alinhar e equilibrar aquilo que é característico das sociedades urbanas desenvolvidas e o que é tradicional. Portanto, as modificações do personagem podem ser tidas em função da espacialidade e de sua representação: conforme o espaço foi se complexificando, o personagem também foi readequado.

Ademais, o menino nunca foi, de fato, “pertencente” ao sítio. Em ambas as versões ele é a criança que chega depois de Narizinho, tornando o local sua casa. Na primeira versão, suas diferenças não são totalmente valorizadas, porém, tanto em *Narizinho Arrebitado* como em *As Reinações*, os contrastes tornam-se elementos positivos, já que o menino promove boa parte dos pensamentos científico e progressistas, algo que se expande com o desenvolvimento da obra, como em *Viagem ao Céu* (1932).

Todavia, alterações constantes pelas quais a obra infantil passou podem ter gerado algumas inconsistências em sua verossimilhança. Peguemos como exemplo *A Caçada da Onça* (1924), que posteriormente compôs *Caçadas de Pedrinho* (1933): Rocha (2006, p. 61) observa que *A Caçada* traz em si muita intertextualidade com as obras anteriores – *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *O Marquês de Rabicó* – tendo em vista uma continuidade entre as histórias, o que pressupõe um encadeamento entre elas. A história se inicia com uma breve descrição dos personagens do Sítio, e “Pedrinho, que é primo de Lucia”, “sempre revelou grande coragem” (LOBATO, 1924, p. 05). Quando Narizinho afirma que participará da aventura, Pedrinho afirma: “Gostei da palavra. Você não nega que é minha prima” (LOBATO, 1924, p. 10). A fala

indica a inconsistência na origem dos personagens que, em princípio, não seriam primos de fato, além de qualificar o menino como “sempre” corajoso, diferentemente do que se vê em sua primeira aparição. Nesse sentido, Pedrinho teria, em *A Caçada*, uma forma relativamente diversa da que se vê em *Narizinho Arrebitado*, antes mesmo da publicação de *As Reinações*, que “esclareceu” a nova forma do garoto.

Ademais, a partir do caso do personagem Pedrinho, surge a hipótese de se considerar que *As Reinações* seria, na verdade, a cristalização de uma narrativa que estava em construção. Assim, pouco a pouco o personagem foi alterado, e a remodelagem vista em 1931 responderia ao hiperativo da caracterização de uma figura que *já* tinha se formado. Comumente, *Reinações* é tida como inaugurante e um marco na produção lobatiana, dada sua extensão e originalidade estética, conforme demonstra Bertolucci (2005). Um campo ainda a ser explorado, portanto, refere-se à desconstrução parcial da noção do ineditismo da publicação, que também poder ser encarada como uma organização da narrativa vista nas obras individuais, ou seja, uma espécie de arremate.

Por fim, para ilustrar de forma mais precisa a discussão até aqui feita, apresenta-se um quadro com as principais diferenças e semelhanças entre “Pedrinho Pichochó” e “Pedrinho a partir de 1931”, ou seja, a partir da publicação de *As Reinações de Narizinho*. As informações foram postas a partir das proporções vistas nos traços do personagem:

Pedrinho Pichochó	Pedrinho a partir de 1931
1. Órfão, filho de tio Antonio, parente de Dona Benta	1. Filho de Atônica, neto legítimo de Dona Benta; sobrinho (?) ²⁸ de Antonio
2. Tímido	2. Extrovertido
3. Caipira; menos identificação com o leitor urbano	3. Urbano; mais conexões entre a obra e a sociedade em desenvolvimento
4. Apelido categorizante de pássaro (representação possível da fragilidade da criança ²⁶)	4. Sem um apelido categorizante
5. Inteligente/engenhoso	5. Inteligente/engenhoso
6. Resquícios da “Infância cabocla” ²⁷ da obra adulta de Monteiro Lobato	6. Infância já característica da obra infantil lobatiana (foco na criança)
7. Pouca individualidade em relação à protagonista	7. Personagem com traços próprios mais definidos

Quadro 2: comparação entre as características de Pedrinho em *Narizinho Arrebitado* e a partir de *As Reinações*

A construção do personagem atravessa várias instâncias tratadas pela obra infantil de Monteiro Lobato. Tem-se as visões sobre a infância em movimento, bem como as noções de desenvolvimento social e urbano em jogo. Além disso, as alterações de Pedrinho estão ligadas à estética da obra. Lobato foi, cada vez mais, trazendo individualidade para a figura que pouco se diferenciava de Narizinho, a protagonista, e das crianças da obra adulta.

26 Op. cit., Bignotto (1999).

27 Op. cit., Bignotto (1999).

28 Não está claro, na história, se o personagem é tio, de fato, de Pedrinho.

4. Considerações finais

Este artigo se propôs a responder à pergunta de Emília: Pedrinho tem história ou não? Conclui-se que o personagem não apenas possui uma história, mas uma trajetória complexa que levanta muitas hipóteses sobre como Monteiro Lobato gradualmente repensou sua obra. Ademais, esta investigação pode ser expandida, pois partimos de um recorte relativamente pequeno, mas que revelou muitas camadas e novas possibilidades de abordagem. Reflexões sobre a prática de escrita de Lobato, seu estilo literário e as infâncias que ele retratou nesse percurso foram feitas, mas apenas o confronto com mais edições e suas variações poderá ampliar as descobertas, tratando também dos outros personagens.

Ao longo desta discussão, apresentou-se o que consideramos as principais modificações na caracterização de Pedrinho. Buscou-se ilustrar que, embora haja muitas mudanças nesse processo, o autor conservou características do personagem, transformando-as, muitas vezes, em traços e passagens menos explícitas. O olhar filológico sobre as fontes da obra lobatiana, em função das publicações derradeiras, desvela o emaranhado de referências entre a obra infantil e a obra adulta, principalmente porque, quando *Narizinho Arrebitado* foi publicada, Lobato ainda produzia muito para o público adulto. As hipóteses tecidas neste artigo não são as únicas possíveis, pois se crê que a obra, em um contexto geral, ainda tem muito a revelar sobre as remissividades e procedimentos adotados pelo autor.

O confronto de *Narizinho Arrebitado* e as obras posteriores demonstra qual foi o personagem que chegou aos leitores e como foi se transformando, gradualmente. Entretanto, viu-se que algumas características de Pedrinho foram conflitantes no período anterior a 1931, quando comparadas com outras publicações. A união entre Filologia e Literatura, cujo elo são as fontes primárias, demonstra que o manancial de aspectos da obra infantil de Monteiro a serem explorados, contribuindo fortemente para o estudo da história da literatura infantil brasileira.

Referências Bibliográficas

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 3. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato, furacão na Botocúndia**. ed. compacta. São Paulo: Senac, 2000.

BERTOLUCCI, Denise Maria de Paiva. **A composição do livro Reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato**: Consciência de construção literária e aprimoramento da linguagem narrativa. 2005. 593 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.

BIGNOTTO, Cilza Carla. **Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)**. 2007. 421 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

BIGNOTTO, Cilza Carla. Monteiro Lobato e Seus Precursores. In: SOARES, Gabriela Pellegrino; RAFFAINI, Patricia Tavares (Org.). **Livros Infantis Velhos e Esquecidos**. São Paulo: Publicações BBM, 2022, p. 223-255.

BIGNOTTO, Cilza Carla. **Personagens infantis da obra para adultos e da obra para crianças de Monteiro Lobato**: convergências e divergências. 1999. 166 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

BRERO, Caroline Elizabeth. **A recepção crítica das obras A menina do narizinho arrebitado (1920) e Narizinho Arrebitado (1921)**. 2003. 246 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2003.

CANDIDO, Antonio. **A personagem do romance**. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; DE ALMEIDA PRADO, Décio; GOMES, Paulo Emílio Salles. *A personagem de ficção*. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019, p. 51-80.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: Vida e Obra**. 1º tomo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira: 1882-1982**. São Paulo: Quíron, 1983.

GÊNOVA, Mariana Baldo de. **As terras do novo sítio: uma nova leitura da obra O Picapau Amarelo (1939)**. 2006. 107 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GRÉSILLON, Almuth. **Elementos de Crítica Genética: Ler os manuscritos modernos**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

HAY, Louis. **A literatura dos escritores: questões de crítica genética**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

HAYDEN, Rose Lee. **A literatura infantil de Monteiro Lobato: Uma pedagogia para o progresso**. São Paulo: Instituto Cultural; ESPM, 2012.

KHÉDE, Sonia Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1990.

LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Org.). **Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2022.

LIMA, Ana Laura Godinho. Os temas da evolução e do progresso nos discursos da psicologia educacional e da história da educação. **Revista História da Educação** (Online), 2019, v. 23. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/93208>. Acesso em: 31 jan. 2025.

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. 2º tomo. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1968.

LOBATO, Monteiro. **A Menina do Narizinho Arrebitado**: Segundo livro para uso das Escolas Primárias. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1921.

LOBATO, Monteiro. **Prefacios e entrevistas**. São Paulo: Brasiliense, 1948.

LOBATO, Monteiro. **As Reinações de Narizinho**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. 9. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943.

MAGALHÃES, Ligia Cademartori. Literatura infantil brasileira em formação. *In*: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil**: Autoritarismo e Emancipação. São Paulo: Ática, 1982, p. 135-152.

NAVAS, D. Metaficção e formação do jovem leitor na literatura infantil e juvenil brasileira contemporânea. **Linguagem**: Estudos e Pesquisas, Goiânia, v. 19, n. 1, 2016. DOI: 10.5216/lep.v19i1.39889. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/lep/article/view/39889>. Acesso em: 1 mar. 2024.

ROCHA, Jaqueline Negrini. **De caçada às caçadas**: o processo de re-escritura lobatiano de Caçadas de Pedrinho a partir de A Caçada da Onça. 2006. 122 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SOUZA, Loide Nascimento de. Monteiro Lobato e o processo de reescritura das fábulas. *In*: LAJOLO, Marisa (Org.). **Monteiro Lobato, livro a livro**: Obra infantil. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 103- 119.

VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. **O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato**. Santos: Traço, 1982.

ZILBERMAN, Regina. “Minha teoria das edições humanas: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e a poética de Machado de Assis. *In*: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice; BORDINI, Maria da Glória; REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. **As pedras e o arco**: Fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 17-117.

ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice; BORDINI, Maria da Glória; REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. **As pedras e o arco**: Fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.